



A SÁTIRA MENIPEIA E A POÉTICA DA POESIA MARGINAL: A DÉCADA DE 1980 NO CONTEXTO DA REVOLUÇÃO DE 1964

THE MENIPPEAN SATIRE AND THE POETICS OF MARGINAL POETRY: THE 1980S IN THE CONTEXT OF THE REVOLUTION OF 1964

Wandercy de CARVALHO
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
E-mail: wcarvalho@uft.edu.br

Eliane Cristina TESTA
Universidade Federal do Tocantins (PPGL/UFT)
E-mail: poetisalia@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0863-4297>

518

RESUMO

Nosso objetivo com este texto é identificar e descrever as diferentes características da Sátira menipeia, na poesia marginal, da década de 1980. A ideia central deste estudo mobiliza uma análise do gênero Sátira menipeia, desde os gregos e os latinos, para verificar sua continuidade ao longo do tempo, uma vez que na década de 1980, a Sátira tem como função política contrapor a repressão da época e ainda, propiciar resistência. Nessa perspectiva, levamos em conta o pressuposto de que, o poema pode ultrapassar os limites do próprio eu, e assim, tornar-se um documento histórico e ser capaz de revelar o que foram aqueles anos, a partir da poesia marginal. Metodologicamente é um estudo qualitativo, bibliográfico e interpretativista. Como fundamentação teórica, inicialmente, destacamos: Bakhtin (2013), Derrida (1980), D'onofrio (1968), Minois (2003), Carvalho (2008). Para melhor compreensão dos aspectos da Sátira, foram identificados e classificados, não só diferentes poemas produzidos nos anos de 1980, como também os principais tipos da Sátira menipeia. Os resultados demonstram que, a poesia marginal, escrita nos anos de 1980, é formada por diferentes tipos de Sátiras, a exemplo, destacamos: a Sátira de costumes, a Sátira política, a Sátira de redução, a Sátira religiosa e a Sátira priapeia. Por estes aspectos, acreditamos que este texto contribui para ampliar interpretações e pontos de vistas sobre a poesia produzida na contemporaneidade.

Palavras-chave: Sátira menipeia. Poesia marginal, 1980. Resistência.

Wandercy de CARVALHO; Eliane Cristina TESTA. A SÁTIRA MENIPEIA E A POÉTICA DA POESIA MARGINAL: A DÉCADA DE 1980 NO CONTEXTO DA REVOLUÇÃO DE 1964. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO – MÊS DE ABRIL. Ed. 41. VOL. 01. Págs. 518-533. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

ABSTRACT

This study aimed to identify and describe the different characteristics of the Menippean satire in the Brazilian marginal poetry of the 1980s. We analyzed the Menippean satire as a genre since the period of the Greeks and Latins and examined its continuity throughout history until the 1980s. At the time, the Menippean satire had a political role in Brazil, as it endorsed opposition and resistance against repressive policies. From this perspective, we considered that a poem — in this case, a marginal poem — can surpass the limits of the self and thus become a historical document from a particular period. This is a qualitative, bibliographic, and interpretative study. As its theoretical foundation, we highlight Bakhtin (2013), Derrida (1980), D'Onofrio (1968), Minois (2003), and Carvalho (2008). To understand the characteristics of satire, we identified and classified poems written in the 1980s, as well as the main types of Menippean satire. The results revealed that the marginal poetry of the 1980s was composed of different types of satire, such as moral satire, political satire, diminution, religious satire, and Priapeia. Therefore, we believe that this study can foster new interpretations and perspectives about contemporary poetry.

Keywords: Menippean satire. Marginal poetry, 1980. Resistance.

INTRODUÇÃO

Destacamos que a Sátira é um gênero literário, em cujas críticas estão voltadas para a sociedade, de modo espacial, denunciando os vícios e os maus costumes. Também é uma composição literária em que há a mistura da prosa e do verso.

Georges Minois (2003), autor da obra *História do Riso e do Escárnio*, acerca dos satiristas e da sociedade romana, destaca que “a sátira atinge uma dimensão nacional. Seus alvos são, ao mesmo tempo, morais, sociais e políticos, e seu espírito, essencialmente conservador” (MINOIS, 2003, p. 87). De igual modo, Salvatore D'Onofrio (1968), em *Os motivos da sátira* diz que “a sátira não é só filosofia, nem só moral: existem assuntos tratados pelos satíricos que não têm nada a ver com a pregação cínico-estoica. Os motivos satíricos são tirados mais da vida do que da

filosofia”. (D’ONOFRIO, 1968, p. 14). De acordo com o exposto, o gênero sátira estende-se por um vasto leque de alcance e possibilidades de estudos.

Carvalho (2022) também discorre sobre o que é sátira:

Constituindo-se um subgênero advindo do lírico, a sátira é uma *expressão literária* que se ramifica por diferentes linhas de estudos; dentre elas estão: *a sátira de costumes; a sátira política/social; a sátira de redução; a sátira religiosa; a sátira priapeia* etc. Ainda que ela apresente esse vasto campo de atuação, a sátira tem algo em comum com todas essas *variantes*: a crítica. A sátira, portanto, é um artifício literário usado para criticar o *establishment* pré-estabelecido socialmente. De igual modo, a sátira é uma expressão do pensamento, com a qual o poeta expõe os *sentimentos* e as *emoções* dele, *exteriorizando* uma voz específica para influenciar a coletividade, porém, com uma estética agradável e risível¹ (CARVALHO, 2022, p. 18).

520

Essa variada ramificação da sátira vem sendo construída desde as origens greco-romanas, e ela foi retomada aqui, a fim de servir de alicerce para a produção deste artigo, e, conseqüentemente, ratificar a presença da sátira menipeia, na poesia marginal ou independente, escrita na década de 1980. E assim constatar que os diferentes autores destacados, foram capazes de enriquecer esse gênero, atribuindo-lhe não só pluralidades de textos, como também valores históricos e estéticos. Essa hipótese leva em conta o pressuposto de que, o poema pode ultrapassar os limites do próprio eu, e assim, tornar-se um documento histórico e ser capaz de revelar o que foram aqueles fatídicos anos.

A seguir, apresentamos as cinco diferentes características da sátira menipeia, encontradas na poesia marginal, escrita na década de 1980. Naqueles poemas estão inseridos, não só o contexto da revolução de 1964, como também, a deambulação dos poetas; os quais, sob o olhar vigilante das autoridades competentes, de bar em bar, à noite, vendiam os livros deles.

A Sátira de Costumes

A sátira de costumes é uma produção literária em que impera o jogo irônico e o sarcástico. Dessa maneira, na sátira de costumes, é possível expor, por meio desses estratégicos recursos, os “vícios” da sociedade. Nesse gênero literário estão os

¹ CARVALHO, Wandercy de. *A SÁTIRA MENIPEIA NA POESIA MARGINAL DA DÉCADA DE 1980: o contexto da revolução de 1964*. (Livro inédito).

hábitos mais “grotescos” da espécie humana, e acaba por incluir algumas práticas “desaconselháveis” frente a uma sociedade. Em uma sátira de costume é possível conter: os amores considerados ilícitos, a violação das normas de conduta, as questões relativas a dinheiro, o desesperado desejo de ascensão social, a ambição, a ambiguidade da natureza humana, as intrigas, a inveja, etc. (CARVALHO, 2022, p. 34).

De acordo com o exposto, destacamos em Pereira, (1981), um exemplo de poema que revela uma relação amorosa considerada ilícita. E da forma como é expresso, o leitor poderá ter como “brinde” o agradável riso.

Arranjos lá em casa

Dr. Olavo Mello, advogado
 acusa D. Letícia de Carvalho
 professora universitária
 de lhe ter seduzido o filho menor
 de dezessete anos
 D. Letícia foi condenada a dois anos
 de prisão com sursis
 o menor retomou a masturbação
 e Dr. Olavo ensina História
 no lugar que fora da mulher de maus costumes.
 (Schwarz, *apud* PEREIRA, 1981, p. 159)

De acordo com o que foi exposto na introdução, a sátira é um dos subgêneros do lírico. Talvez por isso, os sentimentos revelados ultrapassam o foro privado e estendem-se, e amplificam-se para além do que é narrado, por meio da ironia, alcança mundos não imaginados. Assim, a partir do eficiente “achado” de Roberto Schwarz, para compor o texto “Arranjos lá em Casa”, ele proporcionou surpreendentes reações no leitor.

Nesse texto, percebe-se que D. Letícia é punida por não seguir os “bons costumes”. O texto, entretanto, expõe a mediocridade da sociedade e das leis daquela época. Além do mais, também revela o quanto astuto, moralista, desonesto e ambicioso é o Dr. Olavo, o qual, verdadeiramente, não denuncia a professora pelo fato de ela ter “seduzido” o filho dele, mas sim, pelo desejo de ocupar o lugar que era dela. O poema revela um mundo às avessas. Ao mesmo tempo em que as atitudes da mulher, do ponto de vista do narrador, parecem transgressoras, o moralismo se impõe de forma cínica e desonesta. As profanações morais se estendem para além do

possível ou do esperado. O poema revela uma sociedade intolerante, machista e punitiva, algo que espelha muito bem o espírito da época.

A Sátira política/social

Ao longo do tempo, o riso tem sido usado para diferentes funções. E uma das principais é usá-lo como uma espécie de bala de canhão para detonar, por meio da sátira, os arranjos políticos. O impacto gerado nesse cenário poderá causar a destruição de muitos arranjos pré-estabelecidos. “É na sátira política que o riso encontra seu terreno predileto. Os debates parlamentares, o início da democracia, a liberdade de imprensa criam as condições ideais para um grande debate de ideias em que a ironia é chamada a desempenhar um papel essencial”, (MINOIS, 2003, p. 482).

Ainda conforme esse autor, tanto na república, quanto no império romano, quando os vitoriosos de guerra voltavam das batalhas, ao invés de serem homenageados com hinos de louvores, os heróis de guerra eram recebidos com risos grosseiros e cantos ridículos e obscenos. (MINOIS, p. 92). Na realidade, esse tipo de manifestação era para lembrá-los de que eles, apesar de grandes vitórias, ainda eram homens, e não deuses. Contudo, esses divertimentos, próprios do gênio romano, congregava um modo de manter a derrisão, isto é: a capacidade de rir de si mesmo.

Na década de 1980, a derrisão proveniente dos atos políticos vai se ramificar, não só na poesia, como também nos jornais. Principalmente, naqueles conhecidos como “nanicos”. Dentre eles, destaco o Pasquim, o qual embora “combatesse” os generais, na verdade, não queriam que eles deixassem o poder, porque se isso ocorresse, significava a própria morte, não só daquela imprensa “independente”, como também de outros jornais tidos como “alternativos” e de esquerda.

Georges Balandier citado por Minois (2003, p. 483), defende que a sátira política “pratica a ofensiva utilizando as forças do cômico e do ridículo. Com a mesma ambiguidade, porque libera uma crítica que o riso detona”. E assim, para os jornalistas e os poetas independentes da década 1980, a sátira não passa de um modo de diversão, de uma brincadeira com coisas sérias, ou como se diz no popular “cutucar onça com vara curta”. Assim, a sátira é um instrumento próprio da sociedade e faz parte das nossas vidas. Vejamos um exemplo:

As tetas, de quem são as tetas?

O ministro Delfim Neto² queixa-se de que os empresários vivem mamando nas tetas do Governo. Aborrecidos, eles respondem que os mamadores são os tecnocratas.

Enfim, de quem são as tetas mamadas
tão desejadas?
Quem é ativo, quem é passivo
nas chupadas?
Quem toma a iniciativa dos chupões?
São os empresários, os tecnocratas
ou os patrões?
São os ricos ou os proletários
malandros, ladrões ou operários?

Quem já chupou
Quem vai chupar
Pra todo mundo não dá
Só uma lambida na entrada
outra na saída.

As tetas são de quem?
dos Estados Unidos?
de Portugal
da Rússia
ou do Senegal?
Tem tetas de todos os tipos
Federal, estadual, municipal, nacional.

Quem no mundo mama nas tetas brasileiras?
A Europa
a América Latina
a nação americana
ou os donos da gasolina?
(NASCIMENTO, 1983, pp. 14-15)

O texto tem início a partir de um preâmbulo, no qual, a voz poética situa o leitor no contexto dos acontecimentos em que os fatos acontecem. Na ocasião, semelhante a um fotógrafo a tirar fotos relevantes da cidade, o satirista revela a sociedade a partir de um momento ou um fato ocorrido, por isso, sátira, história e riso são ações interligadas, de cujos fatos, embora cômicos, não se pode duvidar. Portanto, desde o princípio da escrita, os textos que os satiristas escrevem, parecem muitos fidedignos à realidade. O poema citado tem algo específico, visto que nele contém uma personagem que, durante muito tempo, foi o motor da história na economia do país.

² Foi o ministro do Planejamento de 1979 até 1985.

Caberia, portanto, àquele ministro, impedir que os “vermes” sugassem “as tetas” da nação?

Dadas a muitas interrogações, o texto parece uma peça do teatro Mambembe. No texto, o arauto expõe, por meio de sugestivos jogos de palavras, uma nação que todos querem explorar, mamar, sugar, sem que seja oferecido nada em troca. Pelo contrário, as riquezas do país são “sugadas”, tanto pelos habitantes internos, quanto os externos, muito semelhante ao que acontece nos dias atuais.

A Sátira de Redução/Rebaixamento

A Sátira de redução é elucidada pelo próprio nome, que explica *per si*. Contudo, destacamos que a Sátira de redução é aquela que se encarrega de mostrar a diminuição, a desvalorização daquele ou daquilo que é exposto. Carvalho (2008) comenta que:

Lizir Arcanjo Alves, em *Humor e sátira na guerra de Canudos*, assinala que era prática comum a venda de amuletos³ entre os seguidores de Antônio Conselheiro. De forma carnalizada, e com claras intenções de inverter, de *rebaixar* e imagem daquele povo; os jornais, ao constatarem o fanatismo e a adesão mítica, diziam que um fio da barba, um pedaço de unha ou qualquer tipo de excremento saído do corpo de Antônio Conselheiro era usado como diversos tipos de remédio. Acrescentavam, inclusive, que a água usada para lavar a roupa do líder de Canudos era engarrafada e utilizada para o mesmo fim (CARVALHO, 2008, p. 125).

Nesse contexto, ridiculamente tratados como subespécie humana, rebaixados, os seguidores de Antônio Conselheiro tornam-se motivos de risos e de escárnio, ao invés de serem vistos como seres humanos explorados por diversas circunstâncias, servem de desdém, zombaria e menosprezo. É esse tipo de exposição, portanto, o que

Super-heróicos

Enquanto o Incrível Hulk
cresce na parte de cima
verde que nem perereca,
a pobre parte de baixo,
vermelhinha de vergonha,
não rasga nem a cueca.

Já o Homem Invisível,

³ Algo que lembra a Reforma Protestante protagonizada por Martinho Lutero, (14833 – 1546).

tem um troço tão encolhido
que ganha esse apelido.
Agora, chato mesmo, de galocha,
É o Homem Tocha
que com aquele fogo de derreter rocha,
é um tanto brocha...

E o Homem Aranha? Coitado!
Dia e noite, noite e dia
só na luta contra o mal
deve ter teias no pau...

Êta turminha sem sal!
(MÍCCOLIS, 2013, p. 184)

Nesse sentido, vemos por meio do texto poético, que a Sátira é uma espécie da faca amolada, atinge a carne da vítima com o firme propósito em que foi planejado. Iconoclasta, o poema acima externa, com humor e com graça, aspectos da sátira de redução. No texto, de forma indireta, aparece a luta contra o imperialismo *yanque*, a qual, na época, estava em evidência em muitos textos. Lutar contra as forças imperialistas americanas era um dos propósitos da poesia daqueles anos. Portanto, depreciar e rir daqueles heróis do cinema e das revistas em quadrinho era algo relevante do gênio poético daquele momento.

Em “Super-heróicos”, Míccolis, de uma forma nada sutil, brinca de destruir os clichês de heróis moldados a partir de um universo masculino pré-estabelecido. Embora sem nomeá-la, ataca a virilidade dos heróis, reduzindo-a ao máximo, fazendo com que desapareça o símbolo ou sinal de masculinidade a ser seguido. Tal procedimento reduz aqueles defensores da lei, a níveis do risível e do ridículo, transformando-os, ao invés de heróis, vilões; ou ainda, exemplos a não ser seguidos. Porque, enquanto o corpo atlético do herói desperta agilidade e sucesso, as partes íntimas, reduzidas a situações risíveis, escondem fragilidades que o cidadão comum não deseja ter.

A Sátira Religiosa

Também a Sátira religiosa é algo que remonta a primitiva religião romana era essencialmente agreste. Os habitantes do Lácio procuravam livrar-se das tempestades, das enchentes, das secas e dos terremotos, por meio de cerimônias ritualísticas e de oferendas. Por outro lado, os cultos orientais, advindos das

conquistas do império, eram muito atraentes, porque neles coexistiam grande quantidade de danças orgiásticas e cultos exóticos, por isso tiveram grandes aceitações em Roma. (D'ONOFRIO, 1968, p. 101-103). Dessa combinação de fatos começam a aparecer sátiras caçoando dos deuses que passavam a assumir atitudes humanas, e, conseqüentemente, os mais variados “defeitos”, os quais se tornaram produtos de satiristas, dentre eles estão Lucreio, Horácio, Juvenal, entre outros.

A sátira religiosa, semelhante às outras, estende-se ao longo da existência humana. Dentre as mais antigas registradas, destacamos: *As bacantes*, de Eurípedes⁴. Aquele texto mistura tragédia e sátira para tratar de um conflito entre a razão e a força religiosa. Em *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente destacam-se os traços da sátira religiosa. De igual modo, no *Auto da compadecida*, de Ariano Suassuna, etc.

Embora esteja envolvida em um contexto muito diferente, a década de 1980 faz lembrar um pouco do que ocorreu na época das conquistas do império romano. Quando iniciam os anos 1980 e as religiões orientais chegam ao Brasil. Dentre elas, o Hare Krishna com seus componentes vestidos com roupas exóticas e cabeças rapadas. No mesmo contexto, vem o estímulo ao surgimento de sociedades alternativas, a macrobiótica, a vida no campo (*fugere urbem*), o vegetarianismo, foram elementos denominados de “contracultura”, que vão propiciar novas ideias, novos pensamentos, novos adeptos e fazer engendrar diferentes produções poéticas que se espelhavam nestes movimentos novos.

Nesse e em outros contextos, quando a sátira religiosa é analisada, é possível encontrar ramificações variadas. No entanto, as características mantêm-se parecidas àquelas em que Dioniso vem reivindicar, diante do palácio de Tebas, o direito de ser adorado como um Deus. Na ocasião, ele mistura muito vinho ao delírio místico, contribuindo para o aparecimento do riso. Esses fatos vão fazer com que a sátira religiosa apresente as seguintes características: divino misturado com o profano; deuses humanizados, fanatismo religioso, deuses ou orações profanadas e risíveis, falso moralismo, bricolagem ou paródia de textos sagrados etc.

Dentre os diferentes autores de sátira religiosa da década de 1980, destaco uma paródia bem humorada, mas que exige do leitor, a ideia de intertextualidade e de noções de fatos históricos ocorridos na referida época. Vejamos o poema, a seguir:

⁴ Eurípedes. Tradução de Mário da Gama Cury, 1993.

(Sem título)

Capital nosso que estais no FMI⁵
santificado seja o vosso dólar
vem a nós o vosso empréstimo
ainda que seja cobrado o vosso juro
assim no Brasil como no terceiro mundo.

O pacotão nosso de cada dia
nos dai hoje,
não nos deixeis ficar sem a indexação
perdoai as nossas dívidas imperdoáveis
assim como nós perdoamos os nossos devedores
nos livrai da moratória, amém!
(COSTA, 1984, p. 17)

527

No poema aparece uma paródia⁶ a partir da oração cristão do “Pai nosso”. A relação estrutural e a musicalidade entre aquele primeiro texto e o segundo vão favorecer o principal critério de recriação textual. Vê-se assim que na nova ‘oração’, o que antes era sagrado foi profanado pelo humor. A oração tradicional da igreja cristã, cheia de louvores cerimoniosos e direcionada ao santo Pai, agora está focada nas questões econômicas do país, e, conseqüentemente, passa a ter outra função social, porque expõe a “crise” instituída no país.

Tais práticas intertextuais de produção literária, muito comum entre os poetas marginais da década de 1980, abrem novas perspectivas para o processo criativo e seus jogos literários de polifônicos. Esses fatos e/ou procedimentos são marcas de uma prática denominada também de *bricolagem*, *pastiche*, paródia. No texto poético constata-se que as marcas do texto inicial não são apagadas e o novo (intertextual) texto, ainda pode ser denominado de: polifônico ou dialógico, isso vai depender dos teóricos conceitos adotados⁷.

A Sátira Priapeia

Antes de sabermos algum conceito de sátira priapeia, convém, primeiro, saber quem é Priapo.

⁵ Fundo Monetário Internacional – FMI - Tem por função promover a cooperação monetária internacional entre os países com dificuldades financeiras.

⁶ Linda Hutcheon, 1985.

⁷ CARVALHO, Wandercy de. *A SÁTIRA MENIPEIA NA POESIA MARGINAL DA DÉCADA DE 1980: o contexto da revolução de 1964*. (Livro inédito).

“Priapo é um deus grego, e a ele eram atribuídos cultos sacros e profanos”. A presença dele na península itálica deve ter ocorrido a partir das colônias gregas, dentre elas, Taranto, ou também “pelas cidades Etruscas ou mais provavelmente, pela Sicília, e de lá, por outras cidades gregas da Campânia, ter atingido toda a Itália”. (OLIVA NETO, 2006, p. 23). A partir do domínio romano a todos os povos habitantes da península, permanece a herança cultural, até os dias de hoje, em todos os povos latinos.

Dentre os estudos recomendados, para melhor definir a origem e as básicas informações sobre o gênero em questão, destacamos, de acordo com D’Onofrio (1968), o que ele aponta sobre a origem da Sátira priapeia:

Priapo era uma divindade grega, filho de Dionísio e de Vênus, símbolo do instinto sexual e da força geradora do macho. Na época de Augusto, seu culto se difundiu em Roma e uma rústica estátua do deus era posta nos jardins para afugentar as aves e o mau-olhado (*hortorum custos*). O culto deu origem a um gênero literário à parte, chamado de *priapeia*, feito de epigramas satíricos e obscenos, cultivado na época alexandrina. (Em Roma, Catulo e outros *poetas novi* cultivaram o gênero priápico). Juvenal (6, 374), assim como Horácio, (I, 8, 5) mencionam o enorme falo de Priapo (D’ONOFRIO, 1968, p. 105).

Nesse contexto, de acordo com o autor, a Sátira priapeia “é um conjunto de poemas em grego e em latim a respeito de Priapo, divindade que tem como principal característica o falo ou o membro genital enorme. O culto deste deus mitológico, “[...] provavelmente surgiu no século IV, na Ásia Menor”. (OLIVA NETO, 2006, p. 15). A partir do exposto, alguns aspectos podem ser levados em consideração. Primeiro, do ponto de vista dos latinos, Priapo é um deus grego, e ele, semelhante a muitos outros que entraram ao território romano, advindos das conquistas para expansão do império, passou a ser adorado a partir de diferentes interferências no meio social. E Priapo, talvez em função de sua exuberância peniana, está relacionado, não só à adoração fálica, como também a tudo o que diz respeito à vida animal e vegetal.⁸”

A partir do que explicitamos sobre Priapo, a Sátira priapeia tem como característica, não só a obscenidade, como também a adoração fálica relacionada à reprodução e à fecundação. Esses fatos contribuíram para o surgimento, tanto de cultos sagrados, quanto profanos. Nesses casos, a depender do poeta, o texto terá o

⁸ CARVALHO, Wandercy de. *A SÁTIRA MENIPEIA NA POESIA MARGINAL DA DÉCADA DE 1980: o contexto da revolução de 1964*. (Inédito).

falo em estado de ereção, ou exposto no altar para ser adorado. Por meio de muitos turpilóquios, os textos priápicos, além de engenhosos, tornam-se jocosos, eróticos e fálicos, porque “na priapeia, a obscenidade do poema é a meta.”⁹ A seguir, vejamos um exemplo de poema priápico:

Adão no paraíso

Adão, já cansado de ver
o corpo pálido de Eva,
desceu numa praia do Rio
de Janeiro
e, ao lado de uma mulata,
começou a fazer arte pornô.

Enquanto Eva,
deitada de bruços,
olhando Adão, de pau duro¹⁰,
permanecia,
de bunda pra lua.
(CARVALHO, 1984, p. 16)

O poema apresenta uma peculiaridade da década de 1980. Nele contém características de um tempo, cuja ousadia também era parte da estética poética. Talvez por isso, a denominação de “Poesia Marginal” ou “Poesia Independente”, é, ao mesmo tempo, selo e marca de uma estética muito significativa e particular, em que se tem no erótico, a “contravenção”, a provocação como um movimento eufórico. Naqueles anos de 1980, a poesia passou a ser divulgada em diferentes locais do espaço público, tais como praças, ruas, praias, bares, etc.

O contexto em que o poema “Adão no paraíso” foi escrito, está, em parte, centrado naqueles fatos descritos por Miccolis, (1987); os quais representam, muito bem, aquele início de década. No começo dos anos 80, dentre outros acontecimentos, “começa também o Movimento de Arte Pornô (atualmente Arte Contemporânea) realizando, em fevereiro, na praia de Ipanema, no Rio, passeata-show pelo *top-less* literário, que se propunha a desnudar a poesia e a fazer literatura nua e crua”. (MICCOLIS, 1987, p. 87).

⁹ Oliva Neto, 2006, p. 98.

¹⁰ O livro contendo esse poema era vendido, em 1984, à noite, de mão em mão, nos bares da cidade do Rio de Janeiro. Por isso, por questões óbvias, na época, esse verso foi suprimido, voluntariamente, pelo próprio autor.

Em “Adão no paraíso”, de Carvalho está presente a influência da estética da Poesia Marginal. No entanto, convém lembrar: mais forte do que o prestígio sincrônico é a tradição diacrônica; nela, a genética poética, advinda da tradição cultural, está os traços do que foi iniciado na poesia priápica latina e grega. No poema de Carvalho de 1984, não há morte para a condição sagrada e nem para a profana, há convivência mútua entre as duas representações simbólicas. Naquele espaço de coexistência, ocorre a mistura entre o sagrado e o profano, ocasião em que o humano retorna ao seu estado mitológico. E por mais que essa relação pareça estranha, ela é fruto de um imaginário cultural, o qual foi construído a partir do esforço de quem viveu aqueles efervescentes anos de 1980.

CONCLUSÃO

Iniciamos este artigo apontando que este texto apresenta um estudo que está registrado em um livro teórico ainda “inédito” (que virá à luz em breve), resultante de uma investigação de pós-doutoramento cujo tema é a Sátira menipeia (grega-latina) e seus desdobramentos na “Poesia marginal” ou “Poesia independente”, que foram escritas nos anos de 1980. Destacamos o conceito de Sátira, e, ao longo do artigo, apontamos ainda as características da Sátira de costume, a qual se manifesta não só pela presença dos vícios sociais, como também pela ambição, pelo fingimento e etc.

Na Sátira política, o riso encontra o seu terreno predileto. Com esse gênero literário, o satirista expõe as diferentes “caras” ou o antipatriotismo, o anti-heroísmo e o cinismo existente em muitos políticos. E assim, ao revelar os “erros”, os maus hábitos de um gestor público, ele é punido, pelo menos, com o riso. Uma Sátira política é como uma reportagem feita por um jornal de oposição, por isso temida pelos corruptos.

Na Sátira de redução, semelhante às anteriores, está presente a igual perspectiva de combinar humor e crítica. Porém, o foco está na comparação para reduzir, por meio do riso. Desse modo, o político desonesto é como uma raposa, um rato; uma construção desnecessária é como um “elefante branco”; um homem de confiança duvidosa é chamado ou conhecido por ser o “amigo da onça” etc.

A Sátira religiosa, semelhante às outras, não é produto da modernidade. Ela vem desde os tempos remotos e pode ser encontrada em autores latinos, dentre eles: Catulo, Juvenal, Horácio e Pércio. De igual modo, também a referida Sátira está

presente em textos como o *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, e *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Em continuidade a essa diacronia, na década de 1980, muitos poemas, com diferentes sátiras religiosas foram produzidos. E com eles, construímos um dos capítulos do nosso livro¹¹.

Na Sátira priapeia, elucidamos a origem do deus Príapo. De igual modo, falamos do lado sagrado e do lado profano na poesia, assim como as diferentes funções desse deus; o qual se destaca pelo exagero peniano, motivador de risos. Esses fatos contribuíram para que Príapo obtivesse forte adesão em Roma, principalmente, pelos apelos eróticos e obscenos. E assim, a Sátira priapeia se estendeu na literatura, nos mais variados territórios, até os dias de hoje. Em função disso, está presente também na “Poesia marginal” dos anos de 1980.

A partir dessas incursões, é possível afirmar que esta década a qual nós nos voltamos como recorte das discussões, os anos de 1980 foi muito significativo, não só no que diz respeito à riqueza e à diversificação literária em geral, particularmente, quando esta poesia é mobilizada pela Sátira. Esses aspectos temáticos da “Poesia Marginal” dos anos de 1980, destacados, neste artigo, permitem afirmar que os acontecimentos históricos e sociais ocorridos naqueles anos, muito contribuíram para dar continuidade a uma diacronia literária, iniciada a partir dos gregos, passando pelos romanos, até chegar aos dias de hoje.

Portanto, a irreverente visão crítica presente na Sátira (seja ela de qualquer modalidade ou tipo), concede ao “poeta marginal ou independente” que andava, à noite, perambulando e/ou “flanando” de bar em bar, recursos potentes para ver o mundo de modo nu e cru, sem muitas amarras, tornando-o um corajoso noturno pronto a vender os seus livros, comumente produzidos com os próprios recursos financeiros. Assim, o poeta “marginal” torna-se a caça e o caçador da poesia de resistência, da poesia satírica, feita, muitas vezes, para escrachar as normas ou as regras ditadas e/ou impostas pela sociedade. Caça, aos olhos das autoridades competentes; caçador, quando passeia pelas ruas da cidade e transforma-se em personagem da História. Ao agir assim, ele constrói, com os próprios passos, uma arte ambulante que se mistura na multidão e se converter no *flâneur*¹², cuja

¹¹ CARVALHO, Wandercy de. *A SÁTIRA MENIPEIA NA POESIA MARGINAL DA DÉCADA DE 1980: o contexto da revolução de 1964*. (Inédito).

¹² Cf. Benjamim, 2019.

relevância cultural está no ato de observar a cidade para incluí-la, e a si mesmo, nos seus próprios versos, na sua poética como personagem e paisagem urbana.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2013.

BENJAMIN, W. *Baudelaire e a modernidade*. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CARVALHO, W. *A SÁTIRA MENIPEIA NA POESIA MARGINAL DA DÉCADA DE 1980: o contexto da revolução de 1964*. (Livro inédito).

CARVALHO, W. *A Sátira Menipeia no contexto da Revolução de Abril: Alexandra Alpha, de José Cardoso Pires*. Dissertação de Mestrado, Letras Vernáculas, UFRJ/ Faculdade de Letras, 2008.

CARVALHO, W. *Escrito nos olhos*. Rio de Janeiro: Editora Do autor, 1984.

D'ONOFRIO, S. *Os motivos da sátira latina*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968.

EURÍPEDES. *Ifigênia em Áulis; As Bacantes; As Fenícias*. Tradução e apresentação de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

FARIA, E. *Dicionário Escolar Latino-Português*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e cultura, 1962.

HUTCHEON, L. *Uma teoria da paródia*. Tradução Teresa Louro Pérez. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1985.

NASCIMENTO, F. *Cordel urbano desbocado*. Rio de Janeiro: Trote, 1983.

MÍCCOLIS, L. *Desfamiliares*, poesia completa de Leila Míccolis 1965 – 2012. São Paulo, SP: Annablume editora, 2013.

MÍCCOLIS, L. *Do poder ao poder*. Porto Alegre, RS: Tchê!, 1987.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

OLIVA NETO, J. A. *Falo no jardim: Priapeia Grega, Priapeia Latina*. Campinas, SP: Unicamp, 2006.

PEREIRA, C. A. M. *Retratos de época: poesia marginal anos 70*. Rio de Janeiro: FUNART, 1981.

Wandercy de CARVALHO; Eliane Cristina TESTA. A SÁTIRA MENIPEIA E A POÉTICA DA POESIA MARGINAL: A DÉCADA DE 1980 NO CONTEXTO DA REVOLUÇÃO DE 1964. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO – MÊS DE ABRIL. Ed. 41. VOL. 01. Págs. 518-533. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

SUASSUNA, A. *Auto da compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 1973.

VICENTE, G. *Obras-primas do teatro vicentino*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 1980.